





**Virgínia do Carmo**  
**Poemas simples para corações inteiros**

**Desenhos de Bernardo C.**



**Aos meus filhos, raízes da minha coragem**



*Interrogo o infinito e às vezes choro...  
Mas estendendo as mãos no vácuo, adoro  
E aspiro unicamente à liberdade.*

**Antero de Quental**





## **Parte I**

### **Do mundo em mim**





## Solidão<sup>1</sup>

Penso na solidão das canoas.  
Nas sombras anónimas. E no ventre  
onde se geram todas as coisas  
que não são de ninguém.

---

<sup>1</sup> Poema integrado na *Plaquette* Coletiva de Textos Breves  
“Debaixo do Elmo”, Escola Superior de Educação, Porto, 2016

## **Tortura**

São de vidro as pétalas que me rebentam  
na boca. Não há grito ou palavra que não  
se rasgue quando o mundo me chega aos lábios.  
Até o silêncio sangra quando o pensamento  
me atravessa a língua para chegar ao coração.

Um dia o meu íntimo será feito apenas  
de poemas esgaçados.

## **Luto**

Que farei agora com as dores tépidas  
que me consomem os ossos do entendimento?

Que farei com tantos gritos atirados  
ao esquecimento agora que a garganta é  
um crivo deformado e a voz uma depressão  
incômoda na sequência dos significados?

As esperas inacabadas, os equívocos das mãos  
abertas para nada, que farei eu com elas?

Porque não escrevi todos os poemas quando  
o mundo era ainda um lugar belo e perfeito,  
quando o meu coração era ainda inteiro  
e virgem, quando tinha ainda os olhos limpos  
de tanto mal?

Que farei agora com as cinzas do meu peito?  
Onde vou eu sepultar as alegrias mortas?

## **Humanidade<sup>2</sup>**

Pétala a pétala.

Os olhos escorregam-me pelos precipícios  
molhados de um inverno que teima  
em chover

[pétala a pétala]

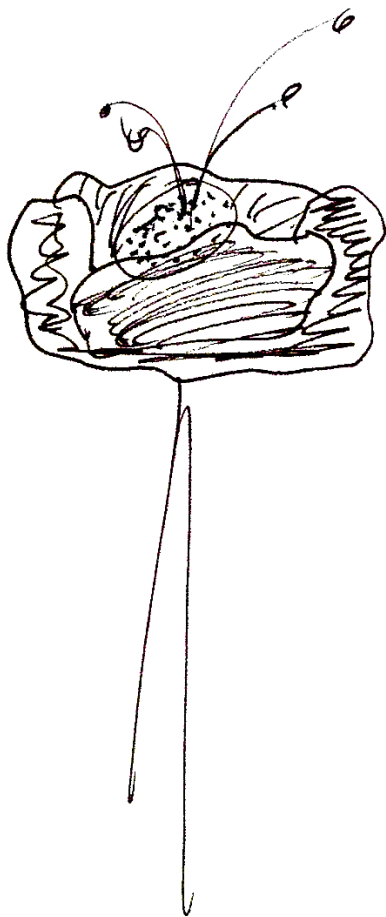
sobre este chão que me corre nas veias rompendo  
a pele da Paz que nos falta. Gritos e gemidos  
que ressoam na superfície da Humanidade a dor  
que vem do fundo de um sofrimento afónico,  
comprimido no âmago de todas as flores do mundo.

E eu choro, pétala a pétala, escrita com hastes de fome  
e olhos tristes, uma certa cor que se some na areia  
de um deserto sem lugar. Uma rosa dos ventos  
partida tentando respirar como se houvesse espaço  
nas mãos do tempo para mais um pouco de  
esperança. Uma beleza quebrada ao meio  
num jardim dividido pelos homens,

pétala a pétala.

---

<sup>2</sup> Poema incluído na Antologia “Por longos anos, longos dias fui silêncio”, Âncora Editora, 2015



## **Mundo**

Este mundo queima-me os olhos. E as lágrimas não chegam para apagar este fogo que me leva os verdes da alma e me deixa em cinzas.

Às vezes sou apenas isto, um tronco mal ardido a lamber faúlhas perdidas com sabor a desespero.

Eu quero apagar as visões e parar de arder, mas tudo é tão dentro e tão fundo. E não tenho alegria que me chegue tão longe.





### **Elegia das árvores**

Os homens não me conhecem. Mutilam o meu corpo porque não entendem os abraços dos meus ramos. E só ouvidos brancos sabem dos gritos da seiva. Só eles sabem do coração das minhas raízes afundadas nas cicatrizes desta humanidade que tudo esquece.

Os homens não me conhecem e por isso engolem as folhas com a fúria de todas as pressas sem tempo para as lágrimas. Eles não sabem que a minha dor vem de tão dentro e de tão fundo

que um dia será tudo.

## **Memória**

E todas as mortes que deixámos espalhadas  
por aí, todos os corpos que encostámos ao  
canto dos olhos para partirmos sem memória?  
Onde estão agora que os dedos já pararam  
de contar paredes e portões?

E que é feito das sombras que guardámos em caves  
para que os sustos se detivessem sob os pés  
lavados de culpa sem caminhos para conhecer  
para além deles?

Onde estão agora que a verdade sangra cinza  
e a alma é um retábulo de visões em carne viva?



## **Coragem**

*Em memória de Irena Sendler  
15.02.1910 - 12.05.2008*

Desenhaste-me a lápis no peito um coração  
sólido. Com ele imagino o teu medo e no susto  
das pálpebras distraídas coloco lágrimas e arrepios  
que se tornam flores em tudo o que vejo.

## **Fim da linha**

*Em memória da linha do Tua*

Foi de ferro o sangue que nos irrigou de esperança os  
sulcos das montanhas.

Mas a céu aberto, todo o sangue estanca.

E some.



## **Balada dos pescadores**

### **I**

Sabemos que são permeáveis as redes que os olhos nos largam no mar de todas as alegrias. E que muito do que nos é devido nos será tirado pelas esperas na escuridão da terra. E que pisamos a areia fina das incertezas.

[E como nos dói o pensamento a afundar-se-nos na angústia movediça de todos os chãos.]

E que as gaiivotas virão buscar-nos os restos de riso no ocaso de cada faina que nos entralha os dedos às malhas do tempo a passar. E que no esforço das sirgas da fé suaremos lágrimas.

Mas porque somos esta teimosa ânsia de azul, ousamos ferir as tempestades. E elas sangram sobre nós, migalhas de céu.

## II

Aquí jaz o amparo telúrico dos pés doídos de tanto pisarem o tempo. Uma carícia rasgada de morte sobre o cascalho da esperança. Um corrimão térreo a que se agarram os olhos no desespero das demoras. No arrasto mal sucedido de todos os sinais.

Ofendidas, as bocas parem, ainda, orações desconhecidas. Gritos de areia em desassiso desde as entranhas do silêncio. Voos invisíveis de amargura.

E um sangue chega lento aos braços queimados dos homens.

– Haverá sempre mais um pouco de caminho.

## Fé

Ao jeito do teu andar vago levanta-se  
sem constância ou precisão uma brisa  
de faúlhas mortas do chão calcado e  
mudo sobre o qual vais dando pontapés  
à fé. Sabes que tens guardadas no crucifixo  
inacabado sob a camisa roçada as marcas  
da pressa de ser mais alguma coisa que não  
pó. Os desgostos rasuraram-te os lábios.  
Esventraram-te as orações. Agora  
tens uma sequência de dedos apáticos  
a formar mãos des.sentidas. Postas  
sem direcção ou sol que te nasça.  
Inspiras átonos ruídos em vez de  
cristais de oxigénio para dentro de um peito  
em de.cadência. O caminho é agora sempre  
por fora das coisas. Não há fogo-alma  
na poeira de cinza que acaba de levantar-se  
do chão calcado e mudo sobre o qual vais dando  
pontapés à fé.



*“Explicador,  
explica-me devagar  
as coisas vertiginosas.*

*Por exemplo,  
o que é explicar”*

A. M. Pires Cabral

## **Do absurdo**

O absurdo nasce connosco para que sejamos inteiros. Mas depois crescemos e emparcelamos a alma, partimos as pernas à inteireza de sermos tudo, e percebemos que caídos pelo caminho ficaram os pulmões, os rins, o fígado e o coração de tudo o que era belo. Trazemos esqueletos de poemas pela vida fora e choramos mortes velhas por vir. O mundo entrou-nos pelo corpo como artrose incurável e já não há dor que nos comova ou nos recorde o absurdo das coisas inexplicáveis.

## **Fogo de artifício**

A cegueira dos homens entranhou-se no céu que todos julgam limpo. No céu que cospe lume sobre a noite perpendicular dos olhos.

Segundos rebentam das entranhas do tempo.  
Uma claridade postiça imita o ruído de estar vivo.

Na igreja, no largo do povo, pessoas normais confessam o pecado do apego

à luz artificial.

## Os velhos

Velhos e velhas caminham no parque. Vão perdidos de si na lembrança de quando as suas pernas serviam para mais coisas. E para mais destinos. Levam visões esquecidas da pele engelhada. A memória generosa das coisas antigas traz as suas mães.

Velhos e velhas caminham no parque, de mãos dadas com as mães a sorrir de orgulho. Com as mães a sorrir.

Às vezes os corações saem e correm pelos trilhos refeitos da infância. Corações alegres, a baloiçar, empurrados pelas mães que sorriem.

Crianças velhas caminham pelo parque. Sombras rectas de corpos curvados. Sorrisos viçosos em bocas tolhidas. O ar entra e sai dos seus corpos como se respirar fosse ainda um projecto de vida. Como se precisassem do peito para o amor da carne.

Amantes velhos caminham no parque. Vão perdidos de si na lembrança de quando as suas pernas serviam para mais caminhos. E para mais destinos. Forçam os passos para que a vida não fique ali parada de vez, na varanda gasta da cozinha. Velhos e velhas, a acender os contornos geométricos do parque, para que sempre haja memória da forma que tudo tinha quando o ar ainda entrava e saía dos seus corpos de livre vontade.

Velhos e velhas caminham no parque. Vão perdidos de si na esperança de que o chão seja mais do que pouso para as coisas de ver e pensar.

## **Abril**

Este Abril não me basta. Perdeu-se  
na contagem aritmética dos cravos  
o vermelho dos seus lábios. É agora  
um ser sem abrigo à procura do seu  
nome. É preciso que as flores voltem  
a ser flores para que a boca não seque  
ao relento de um caule decepado.

## **Ignorância**

Como é tanto este frio fechado na boca. Este caos de nós a dilacerar-me a língua e todas as coisas que não sei dizer.



**Parte II**

**Do íntimo**





## **Corpo silenciado**

Foi sempre isto que eu fui: um corpo  
silenciado dentro da boca de alguém.  
Sempre uma sílaba a mais na palavra  
de outro corpo.

Foi sempre isto que eu fui.

## **Anúncio**

Procura-se coração outonizado.  
Superfície tundada, muitas cicatrizes  
atróficas, mas inofensivo ao toque.

Desapareceu ontem do meu peito.

A quem o encontrar peço, por favor, que não o pise.  
[É pequeno e quase transparente.]  
E, se puder, que mo devolva.

Agora que está desvitalizado posso usá-lo  
Como marcador deste livro de poemas onde  
perplexa constato que sou um corpo  
de coração caduco.

## **Pó**

Quero desesperadamente segurar-te nas mãos.  
Prender-te no hálito quente de abraços apertados  
como se eu fosse ou pudesse ser para ti uma certeza  
sem fissuras. Como se não houvesse abismos  
entre os dedos.

Quero desesperadamente segurar-te para que  
não caias de mim. Como se eu fosse ou pudesse  
ser para ti um corpo-terra.

Como se tu não fosses ou pudesses não ser  
feito de vento.

E eu não fosse ou pudesse não ser  
apenas pó.

## **Esperança**

Manhãs e poentes atravessam os meus  
olhos e os horizontes permanecem à distância  
de um sopro infinito. Há veios de ternura no  
tecido baço das folhas, mas a palma das minhas  
mãos é um trilho desfeito pela tempestade  
que me levou o tecto e me deixou para ser ruína.

E agora sou uma casa abandonada. Tão frágeis  
as paredes do coração, que tremem. Tão finas  
que transparece tudo o que já passou.

A minha alma é um poema verde manchado  
de sangue rompendo as fissuras envenenadas  
das minhas paredes doídas.

E não sei porquê, resisto de pé.  
À espera de ser ruína.

Ou outra sombra qualquer.

### **Poema tonto**

Tu falaste e falaste do tamanho das coisas  
sem adjectivos nem medidas, e eu, desastrada,  
acabei por te contar que sou pequena. Depois  
veio a chuva sobre ti, e eu corri à janela.  
Não te vi e estranhei, até, a secura do céu  
e da terra. Senti-me tonta de tanto ruído  
no peito.

O barulho que pode fazer a chuva  
Mesmo quando chove longe.

## **Vento**

Um resto de vento varre os últimos pigmentos de luz de todas as coisas. Rosas envelhecidas deixadas sobre a mesa de jardim respiram cinzas. Saio cedo e levo na boca palavras inválidas. Verbos mutilados de gestos. Nomes em decomposição.

A solidão de sempre.



## **Alegria**

Com o massacre da minha infância ficou perdida a minha alegria primeira. Secou a raiz que havia de me prender ao ventre de todos os sorrisos. Tudo o que de feliz eu fui depois disso, nasceu de artifícios inventados à força. Na verdade, nunca saí daqui, da terra onde a minha esperança se decompõe.

## **Foz**

Não há foz adiante.

Não há forma de entrar devagar no meu abismo.

Insiste em morrer, a seiva das coisas lentas.

A violência das travessias regressou às margens.

Urgentes são os caminhos dos homens.

Quando poderei retirar-me deste cansaço  
de estar viva?



### **Berma<sup>3</sup>**

Sentei-me na berma das coisas que foram.  
O cimento é frio e eu percebo. A estrada  
é um abismo descendente que nos leva  
aos lugares necessários.

---

<sup>3</sup> Poema integrado na *Plaquette* Coletiva de Textos Breves “Debaixo do Elmo”, Escola Superior de Educação, Porto, 2016

## **Medo**

Tenho medo de chegar tarde.  
Medo de tudo já ter acontecido à minha  
porta antes de eu própria habitar a minha casa.

Tenho medo que o medo me ate as mãos  
enquanto durmo. Tenho medo de chegar  
cedo e que nada mais chegue depois.

Tenho medo que me caia dos bolsos  
esse papel gasto onde escrevi  
à pressa  
a morada da alegria  
enquanto corro para fugir da tristeza.

E tenho medo das cicatrizes dos outros.  
E do útero seco de um mundo sem lágrimas.

Tenho um medo tão cheio de medos dentro  
que receio afundar-me com o peso dos sustos.

## **Das coisas**

Fui tomada pelas coisas. Pela contagem das partículas. É preciso sobreviver pela integridade dos caminhos. Os poemas ficam para depois. Ancorados nas linhas afásicas dos frios entardeceres do meu sul, aguardam-se.

É preciso carregar mantimentos para a casa do meu corpo. Existir por fora. Ter paredes e tecto. Suspender o luto dos vocábulos extintos. Chorar depois os verbos mortos de fome. Adiar a forma original do coração.

Fui tomada pelas coisas e é preciso sobreviver. Pela integridade dos caminhos.

### **Mandei os olhos para longe**

Mandei os olhos para longe,  
para o íntimo distante de um outro céu.  
Para o peito estranho de um caminho novo.

Mandei os olhos porque não tenho mãos  
que me rompam a lonjura das coisas, nem  
chão que me caiba sob o eco de passos  
tamanhos.

Mandei-os, ainda que saiba improvável a semente  
de um astro a pousar-me num ponto qualquer  
de um tempo meu. Ainda que eu seja cega  
à textura das coisas por vir.

Porque sei de um sonho que me existe  
muito para além do que eu vejo.



## **Dos dias**

Eu sei que está escuro e que a vida é um peso morto nas mãos rotas de tantas coisas amontoadas nos dias. E que os dias são buracos sem fundo onde tudo se perde de tanto caber. E que eu sou um vento quase brisa, quase quieta, mal percebida. E já esquecida tantas outras vezes.

Mas é preciso dizer alto as coisas:  
Flor. Coração. Manhã.

Talvez haja ainda um corredor iluminado entre o mundo e o silêncio.

## **Dilúvio**

Impossível ser um traço limpo a vida inteira.  
Há inocências que não se refazem e não  
há como dizer de novo palavras rectas  
e enxutas depois de cada dilúvio.

Sempre que foi tarde, sempre que foi  
mentira, sempre ficou a rasura na tinta.  
Ficou a solidão molhada dos peixes  
Nas redes do silêncio dos olhos.

E não há como secar as mãos depois  
de tantas vezes afogadas. Não há como.

Depois de tanta água sob as pálpebras  
nenhum coração retoma a sua forma  
original.

## **Caminho em pontas**

Caminho em pontas.

– Pés feridos, deformados.

Os sonhos comprimidos  
nos intervalos justos dos dedos.  
Mil sóis trancados na escuridão  
dos ossos contorcidos pelo esforço.

Caminho em pontas sobre pedras.  
A elevar o rosto quando pesa o sal.  
A ser mais leve do que pode a vida.

E é só quando por fim sangro que me lembro  
Como são mais densos todos os movimentos  
do mundo agora, tanto tempo depois daquele corpo  
pequeno que ensaiava o equilíbrio sem dor  
nas mãos floridas e sem calos de outros dias.

## **Farol**

Tenho um farol escondido nas lembranças  
E uma cruz benzida pelos olhos da minha mãe  
quando ainda era lá a casa do meu sono.

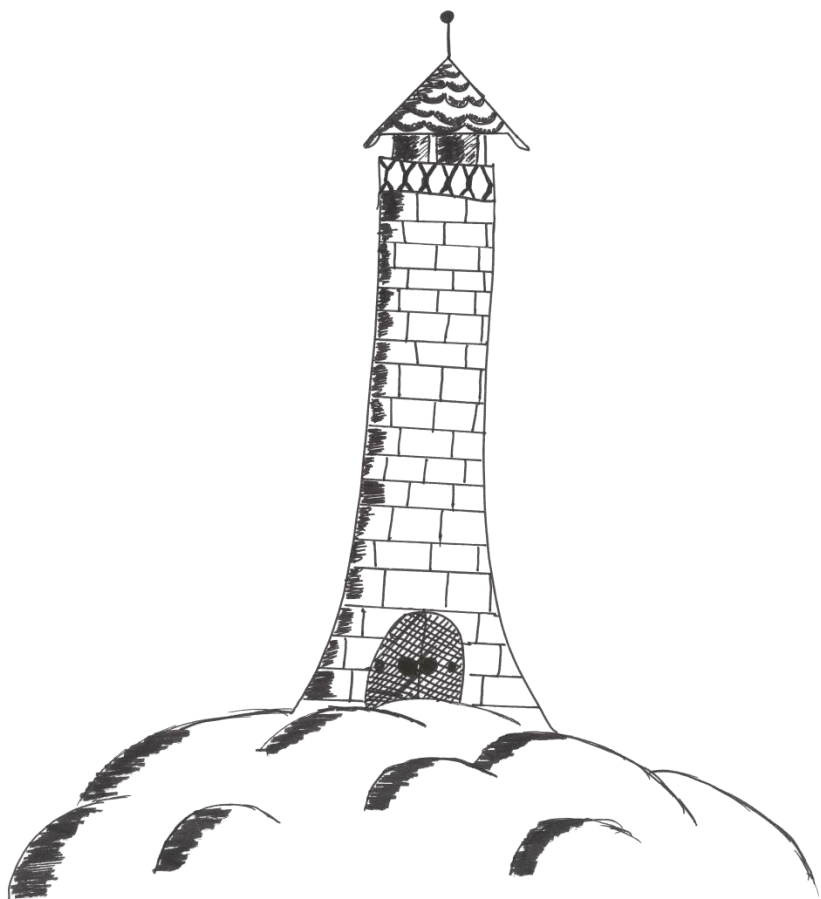
E tenho um poema sobre a fé que eu tive  
a apagar-se lentamente no casco das perguntas  
onde agora não há âncoras.

E tenho uma vela partida. E um rombo na proa.  
E um mapa velho rasgado, e um quadrante  
mutilado por tempestades.

Muitos sonhos me morreram já de muitas  
formas. De muitas fomes. A água  
espessou-se em delírios negros sob o navio  
desnortado a fingir de barco branco  
no meu quarto de bonecas. Presos  
nas cortinas, os ganchos do meu cabelo  
de menina perderam flores e borboletas.  
E a força de apertar a franja como beijos.  
Largaram barcos naufragados no bojador  
do meu peito. E peitos outros desfeitos na  
espuma sem jeito do mar alto da infância.

Mas tenho um farol onde salvas se escondem  
todas as crianças.







## **Partir**

Um lenço negro acenando do avesso lembra  
que é sempre antes  
esta dor aguda de permanecer.

## **Pés**

De onde estiveres  
lê para mim aquele poema do Neruda  
sobre os pés. E eu hei-de sentir daqui  
a tua língua quente a molhar de sede  
a pele de cada passo.

## **Deserto**

Atravessa-me um deserto.  
Com os gritos construo uma ponte sobre a areia.  
A ponte é longa.  
Dizem-me que não é preciso tanto caminho.  
Que é cedo e que há tempo para destinos.  
Que fique quieta. Que esqueça as demoras.  
Mas eu vou.  
E doem-me os pés de nunca mais chegar.

O que mais quer este mundo de mim?

### **Pesam ervas como âncoras**

Devíamos ter aprendido a podar as raízes.  
Encontrámos juntos a sombra livre de  
um portão que pulsa, mas como ele, eu  
e tu estamos presos numa passagem  
inviável. Pesam ervas como âncoras no  
pátio do nosso peito. Somos um encontro  
trancado por dentro. Dois corações com  
fronteiras de ferro.

Pesam ervas como âncoras.

## **Laura**

Invoco diante desta alegria a alegria que tu  
eras. A partitura do teu sorriso estendido.  
A dança etérea do teu corpo arrumado.

E canto por dentro da memória a clave  
sábia do teu timbre a enrolar areia e mar  
nas cordas cuidadas de simetrias e água.  
Uma onda de ternura a chegar às coisas  
como se fosse coração. Um bater leve  
nos alicerces do peito. Um compasso  
rigoroso de perfeitas libelinhas.

Só este rio que te chora saberá do verdadeiro  
teor de sal dos teus olhos alcalinos.

Mas eu sei desta alegria. Desta alegria que tu  
eras.

## **Mãos pequenas**

O desespero deve ser esta febre que me queima os poros dos afectos. O muro de fogo onde a pele termina e a luz se divide. Há cravos a morrer por toda a terra que me cobre. Salmos a emparcelar os latifúndios do silêncio. Um sentido a cair do seu norte incendiado.

Salvam-me mãos pequenas.  
Suspiros ondulados onde mergulho os olhos ardidos. A infância nascida do meu sangue quando ainda era cedo.

### **Poema simples para o meu filho**

Pensei que ver-te crescer seria assim.  
Que permanecerias no globo dos meus  
olhos, acessível ao toque da minha voz.  
Sempre perto das minhas mãos.

Compreendido entre o redondo do meu coração  
e a curva fechada do teu entendimento.

Pensei que a liberdade cabia entre nós  
e que não precisavas de asas se tinhas  
o meu colo. E que o meu peito teria ar  
bastante para que respirasses.

Mas agora vi e sei que são inteiras  
as sementes.



## **Cartas**

*[1 de maio de 2016, dia da mãe ]*

### **1. Carta ao meu filho que está longe**

Entre nós existe um silêncio tão florido  
Que choro pétalas.

### **2. Carta ao meu filho que está perto**

Com as pétalas que me caem dos olhos  
Desenhas os caminhos mais bonitos.

## **Filho primeiro**

Dos meus filhos, o que nasceu primeiro,  
tem um acordar sempre preso nos olhos.  
Uma janela sempre aberta aos pássaros.

O seu íntimo é uma nuvem confusa  
a gotejar perguntas tontas sobre o mundo.  
Constantemente.

Quer guardar nos cansaços  
que ainda não conhece  
todos os centros de todas as coisas.

Tem caminhos tantos, que se perde  
à procura dos pés.

Tudo nele parte antes de si. Tudo é  
sempre muito quando chega.

Tem o abraço mais quente do inverno.  
O beijo mais florido do outono.

Se eu pudesse, amansava a sua pressa.  
Mas o que pode a ternura de uma mãe?

## **Filho segundo**

Dos meus filhos, o que nasceu depois  
tem o riso mais limpo e branco, a alegria  
mais comovida de todos os jardins onde já  
me levou. Os seus beijos sabem a limonada  
num dia quente e os seus olhos são janelas  
douradas viradas a norte, para a ternura.

Tem na ponta dos dedos a memória serena  
do meu coração ressuscitado. Um dom mágico  
que desenha a lápis na pele rugosa dos dias.

Tem lábios discretos e palavras que nunca diz.  
Ama com cuidado. Sabe coisas que desconhece.

E é livre. E corre sempre como se fosse  
um rio apressado. Um destino não prometido.  
Um lugar sem nome nem chão.



## **Natal, outra vez**

Nada de novo neste natal.  
O coração está muito quieto num canto  
do meu corpo. Não entende como se partiu.  
Nunca entende.

O mundo também permanece demasiado igual.  
Os mesmos ângulos deformados. O mesmo  
peso das margens sobre o meio de todas as coisas.  
O desacerto dos pontos cardeais.  
O desalinho do vento.

O sangue corre, no entanto, cada vez mais escuro.  
E aposto que sem ninguém saber  
o sol se afastou um pouco da terra.

Entretanto confirmo que os pedaços são  
incontáveis. Sou uma selha de tristeza com  
fragmentos ínfimos de carne viva a boiar,  
desorientados, na movediça textura de todos  
os equívocos da humanidade.

Algures, num outro canto do meu corpo,  
a fé apodrece.

De resto, nada de novo neste Natal.  
Continua a doer-me a mesma parte da vida. Tenho  
nas raízes as mesmas feridas  
dos primeiros gritos.  
E Jesus insiste em não me nascer inteiro.

## **Crescer**

eu não quero ser grande. Eu não quero ter jeitos de gente aumentada. Nem o íntimo obeso das pessoas que cresceram tanto para cima e se tornaram tão grandes, tão grandes, que já não vêem o labor das formigas quando olham para o chão.

Eu não quero ser tão grande que as minhas mãos não cheguem às mãos de outra criança de tão difícil a inclinação do corpo.

Eu não quero ser crescida. Não quero.

Não quero que as flores passem por mim e não encontrem os meus olhos, de tão grande, de tão alta. Não quero afastar-me das raízes, nem da terra. Nem dos olhos tristes de quem se deita nos passeios em noites frias de inverno.

Eu não quero ser grande. Não tão grande que o meu coração se reduza a ínfimo no mapa do meu peito. Nem tão grande que não se vejam as estradas para lá chegar.

Eu não quero ser grande. Não quero.

Não tão grande que me perca dos meus pés.

## **Oração**

Possa eu acreditar no céu e na terra,  
e em todas as coisas maiores do que eu.

Possa eu acreditar que o meu entendimento  
pode pouco sem a minha fé,  
e que um peito aberto respira melhor.

Possa eu acreditar que as fendas no meu chão são  
sustos a despertarem-me  
e que a alegria nasce mais limpa nos olhos  
de quem é simples.

Possa eu acreditar que a vida não dá erros  
se as palavras são minhas. E que nenhum mal virá  
a quem sabe procurar sinais novos  
sob os escombros dos sismos.

Possa eu ser inteira quando a luz me fragmenta.  
E ver a verdade repartida nos estilhaços.





## Índice

<b>Parte I - Do mundo em mim.....</b>	<b>9</b>
Solidão .....	11
Tortura.....	12
Luto .....	13
Humanidade .....	14
Mundo .....	16
Elegia das árvores .....	17
Memória .....	18
Coragem.....	20
Fim da linha .....	21
Balada dos pescadores.....	22
Fé.....	24
Do absurdo .....	25
Fogo de artifício .....	26
Os velhos.....	27
Abril .....	28
Ignorância.....	29
<b>Parte II - Do íntimo .....</b>	<b>31</b>
Corpo silenciado.....	33
Anúncio .....	34
Pó .....	35
Esperança .....	36
Poema tonto.....	37
Vento.....	38
Alegria.....	39
Foz.....	40
Berma .....	41
Medo .....	42
Das coisas.....	43
Mandei os olhos para longe.....	44
Dos dias.....	45
Dilúvio .....	46
Caminho em pontas.....	47
Farol .....	48

Partir.....	50
Pés.....	51
Deserto.....	52
Pesam ervas como âncoras.....	53
Laura.....	54
Mãos pequenas.....	55
Poema simples para o meu filho.....	56
Cartas.....	57
Filho primeiro.....	58
Filho segundo.....	59
Natal, outra vez.....	61
Crescer.....	62
Oração.....	63



## **Colecção Poesia**

*Erros de cálculo ou outra coisa qualquer*

Miguel Pires Cabral

*reflexos na desordem das sombras*

Rosário Ferreira Alves

*Sementes Daqui*

Lídia Borges

*O Nome das Árvores*

Rui Miguel Fragas

*Poemas Cativos*

Manuel Veiga

*Relevos*

Virgínia do Carmo

*Presos a um sopro de vento*

Eufrázio Filipe

*Espaço livre com barcos*

Graça Pires

*Fora do Mundo*

Vera de Vilhena

*As palavras mais simples*

Gisela Gracias Ramos Rosa

*Antes de mim um verso*

Maria Isabel Fidalgo

*Memórias e Divagações*

João de Deus Rodrigues

*Efeitos de Captura*

Luis Filipe Sarmiento

*Baile de Cítaras*

Lídia Borges

*Não sei se o vento*

Rui Miguel Fragas

*Uma claridade que cega*

Graça Pires

*Sobre pequenas coisas*

Mário Contumélias

*lunaris*

Rosário Ferreira Alves

*A doença das cores seguido de Ilhas de Deus*

João Pedro Mésseder

*Sobre pequenas coisas*

Mário Contumélias

*Do esplendor das coisas possíveis*

Manuel Veiga

*Aves de incêndio*

Raquel Serejo Martins

*Quimera*

Nuno Miguel Morais

*O perfeito imperfeito*

Miguel Pires Cabral

*As Vozes de Isaque. Derivações poéticas a partir da obra “O Último Poeta”*

Vários

*Poemas simples para corações inteiros*

Virgínia do Carmo

**Poemas simples para corações inteiros**

**Virgínia do Carmo**

**Desenhos de Bernardo C.**

Edição: Abril de 2017

ISBN: 978-989-99830-2-1

Depósito Legal: 424880/17

**Impressão e acabamento:**

Várzea da Rainha Impressores, S. A.

Rua Empresarial n° 19

Zona Industrial da Ponte Seca

2510-752 Gaeiras – Óbidos

Telef.: +351 262 098 008

Fax: +351 262 098 582

[www.varzeadarainha.pt](http://www.varzeadarainha.pt)

poética edições

[geral@poetica-livros.com](mailto:geral@poetica-livros.com)

[poetica-livros.com/loja](http://poetica-livros.com/loja)

[poeticaedicoes.blogspot.com](http://poeticaedicoes.blogspot.com)



